

EDUCAÇÃO DO CAMPO E MEMÓRIA DE VELHOS: NAVEGANDO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Rural education and the memory of the elderly: navigating between
the past and present

La educación del campo y la memoria de los viejos: navegando entre
el pasado y el presente

Ana Maria Freitas Teixeira

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Paris VIII. Docente do Núcleo de Pós-Graduação em
Educação da UFS.

Alessandra Alexandre Freixo

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela UFRJ. Docente do
Departamento de Educação da UEFS.

Núcleo de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Sergipe (UFS)
Aracaju – SE – Brasil

Endereço:

Av. Dr. Francisco Moreira, 861, apt. 201 J
Luzia – Aracaju - SE
CEP: 49.047-000

Rua Mazagão 400, casa 10
Mangabeira - Feira de Santana - BA
CEP: 44.056-380

E-mails

anabrteixeira@hotmail.com
alessandrafreixo@yahoo.com.br

Artigo recebido em 11/07/2010
Aprovado em 13/09/2010

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica da Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA), vinculada à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (Fundação APAEB-Valente-Bahia) e, mais particularmente, uma experiência de pesquisa em que a comunidade escolar da EFA, em especial docentes e alunos, atua como protagonista na reconstrução da memória coletiva das comunidades. A metodologia adotada consistiu na articulação entre as estratégias pedagógicas da EFA e a promoção do diálogo entre os alunos e os sujeitos mais velhos, numa dinâmica que viabilizou a construção da história das famílias, das comunidades, da convivência com a seca, da propriedade e da educação. Os resultados alcançados indicam o reconhecimento e a incorporação dos saberes e das experiências dos velhos ao processo educacional, num movimento em que a comunidade escolar se apropria do conhecimento produzido em sua região e atua como produtora de novos conhecimentos, colocando a escola e a educação no centro desse processo de enraizamento e pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação no campo. Pedagogia da Alternância. Memória coletiva.

ABSTRACT

The article analyzes the pedagogical experience of the **Escola** Família Agrícola **Avani** de **Lima Cunha** (EFA), a farming school sponsored by the Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (Association for Sustainable and Solidary Development of the Sisaleira Region) - APAEB-Valente, Bahia, and analyzes, in particular, a research experience in which the EFA community school, its teachers and students act as protagonists in the reconstruction of the collective memory of communities. The methodology involved articulating the pedagogical strategies of the EFA, to promote dialogue between students and elderly residents in a dynamic way that enabled the history of families and communities to be constructed, throughout the history of the drought, the properties and education. The results indicate a recognition and incorporation of knowledge and experience of the elderly into the educational process, according to a movement in which the school community appropriates the knowledge produced in its region, acting as a producer of new knowledge by placing the school, and education, at the heart of this process of forming roots and a sense of belonging.

KEYWORDS: Rural education. Alternative pedagogy. Collective memory.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar la experiencia pedagógica de la **Escuela** Familia Agrícola **Avani** de **Lima Cunha** (EFA), mantenida por la Asociación de Desarrollo Sostenible y Solidario de la Región Sisaleira (APAEB-Valente, Bahía), y más específicamente analizar una experiencia de investigación en la que la escuela comunitaria EFA, sus profesores y alumnos, actúan como protagonistas en la reconstrucción de la memoria colectiva de las comunidades. La metodología consistió en la articulación de las estrategias pedagógicas de la EFA para la promoción del diálogo entre los alumnos y los pobladores más viejos de una forma dinámica que posibilitó la construcción de la historia de las familias y comunidades, de las propiedades y de la educación a lo largo de la historia de la sequía. Los resultados indican el reconocimiento y la incorporación del conocimiento y de la experiencia de los ancianos al proceso educacional, de acuerdo con un movimiento en el que la comunidad escolar se apropia del conocimiento producido en su región y actúa como productora de nuevo conocimiento, colocando a la escuela y a la educación en el centro de este proceso de enraizamiento y pertenencia.

PALABRAS CLAVE: Educación rural. Pedagogía alternativa. Memoria colectiva.

INTRODUÇÃO

O rural brasileiro, principalmente o nordestino, tem sido foco de muitas pesquisas, especialmente no que se refere ao seu potencial transformador e promotor de desenvolvimento social. Muitos autores, como Wanderley (2001), consideram que a sociedade atual redescobriu o rural, ressignificando-o.

Em verdade, um conjunto significativo de estudos críticos que se debruçam sobre as “questões” do rural, dentre os quais destacamos os trabalhos de Mormont (1987), Mansinho e Schmidt (1997) e Jollivet (1997), tem apontado a insuficiência analítica da dualidade rural x urbano, recorte sustentado por longo período e, não poucas vezes, suporte para abordagens centradas no princípio da oposição.

Apontando em outra direção, boa parte dos estudos referidos acima vai defender a impossibilidade de existência de um rural homogêneo e imutável, capaz de ser colocado em oposição a um urbano igualmente inalterável, apontando desafios à sociologia rural. Em contornos gerais, essa linha interpretativa, adotando a noção de representação como categoria central, argumenta sobre a inexistência de um espaço rural reificado. Não haveria, portanto, um “novo” ou um “velho” rural, mas representações diversas do rural

que convivem num mesmo período histórico, rurais e ruralidades plurais. A exemplo, convivem nos dias atuais representações do rural seja como sinônimo de atraso, fonte de problemas sociais de toda ordem, seja como sinônimo de produtividade, tecnologia e agroindústria ou mesmo como sinônimo de alternativa para os problemas sociais derivados dos sinais de esgotamento do modelo de desenvolvimento identificado como urbano-industrial, a exemplo das questões ambientais.

Entre múltiplos olhares e representações diversas, o rural tem sido palco de muitas experiências no âmbito do desenvolvimento social tanto na esfera do local como do regional. Um dos aspectos que merece destaque é o fato de que um conjunto considerável dessas experiências parte de um princípio comum: o desenvolvimento humano/social se faz pela formação de cidadãos do campo, implicando o reconhecimento das suas múltiplas demandas. A formação do sujeito do campo assume, portanto, papel fundamental nessa perspectiva de desenvolvimento em que o homem tende a ganhar centralidade. Caldart (2004) aponta alguns elementos cruciais na concretização desse sujeito: uma revisão do modelo de agricultura capitalista excludente que ainda impera no Brasil; a participação e as lutas destes sujeitos por melhor qualidade de vida; a superação da dicotomia rural-urbano, que prega um modelo educacional inspirado nos ideais desenvolvimentistas; e a adoção de uma visão de educação de totalidade, inclusiva.

Dentre as experiências educacionais voltadas para o desenvolvimento social e regional no Nordeste brasileiro, destaca-se o trabalho realizado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (Fundação APAEB), localizada no Município de Valente (BA), que vem implementando estratégias de convivência no semiárido baiano, as quais convergem em ganhos sociais para a região sisaleira da Bahia¹.

A experiência da Fundação APAEB integra processos formais e não-formais de educação, nos quais os pequenos produtores e seus familiares encontram ambientes e situações favoráveis para transformarem-se em sujeitos de seu lugar e promotores do desenvolvimento regional sustentável. Dentre os espaços comprometidos com a interação desses processos formais e não-formais de constituição de sujeitos, encontra-se a Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA Valente).

A análise, ainda que preliminar, das experiências desenvolvidas pela Fundação APAEB e pela EFA em Valente (BA) apontam para um maior enraizamento dos sujeitos em sua região.

Consideramos que um dos eixos norteadores para esse enraizamento pode estar na construção do passado como operação inexoravelmente relacionada ao futuro, tornando, segundo Weil (2001), inaceitável a oposição passado e futuro, formulada pela vida moderna. Conhecer o passado é exigência da “alma humana”:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. [...]. (WEIL, 2001, p. 43)

É tomando como referência esse conjunto de questões que nos parece fundamental analisar a experiência da EFA de Valente. Esta escola parece ter um papel relevante nas estratégias de enraizamento de comunidades rurais, o que nos exige uma análise mais cuidadosa.

Nosso interesse direciona-se, assim, em contribuir para que, progressivamente, a memória coletiva das comunidades rurais da região sisaleira possa se configurar em um dos elementos norteadores das políticas de desenvolvimento local, na perspectiva de aprofundar o enraizamento/pertencimento destas comunidades, além de ressignificar o papel dos velhos em suas comunidades. Nesse processo, as experiências educacionais protagonizadas pelo homem do campo têm lugar central.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO CAMINHOS PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO DO CAMPO

A questão da Educação no Brasil tem sido alvo de grandes debates em fóruns diversificados que vão desde as reuniões científicas, passando pelo cotidiano escolar até atingir, mais diretamente, as famílias. O que tem emergido como ponto comum nesse confronto permanente de ideias e

interesses é a constatação de que a escola tem encontrado profundas dificuldades em cumprir seu papel na formação dos sujeitos. Quando essa discussão se estende ao meio rural, atinge um nível de complexidade ainda maior e as críticas ao modelo de escola vigente são ainda mais contundentes. O universo cultural no meio rural, apesar de ser, indubitavelmente, diferente daquele que caracteriza o mundo urbano, é frequentemente desconsiderado e/ou deformado nas propostas curriculares das escolas instaladas no meio rural, predominante pautadas num modelo urbanizador de escola e de sociedade.

Baptista (2003) faz uma valiosa análise crítica da situação atual da educação rural no Brasil, especialmente no Nordeste, apontando para algumas das questões acima relacionadas. A autora discute ainda o papel dos movimentos sociais e ONGs que, implementando novas perspectivas de educação, têm subsidiado as políticas públicas para educação no campo. Baptista propõe ainda um modelo de escola rural, que leve em consideração as particularidades de seus alunos e apresente as seguintes características:

[...] (seja) propulsora e estimuladora da agricultura, do desenvolvimento da comunidade; provocadora e construtora de conhecimentos novos que possam interagir com o conhecimento que as famílias têm; intérprete da realidade local; capaz de construir nova identidade para quem trabalha na agricultura, na pecuária, nas agroindústrias; o sistema de ensino tem de ultrapassar as paredes da escola e se encontrar com inúmeros espaços pedagógicos existentes e disponíveis nas propriedades rurais, nas comunidades, nas roças, nos rios, nas aguadas, nos sindicatos e associações. [...] resgate, valorize e respeite a sua cultura; incentive a preservação do meio ambiente; aproveite os conhecimentos e experiências do homem e da mulher do campo, valorizando o seu trabalho e seu viver [...]. (BAPTISTA, 2003, p. 33).

Experiências locais de contextualização da educação no campo, conforme a descrita acima, têm inspirado políticas educacionais para educação do campo, culminando no estabelecimento de diretrizes operacionais (BRASIL, 2002), além de iniciativas governamentais, em parceria com toda a sociedade civil, para a ampliação do debate sobre a educação rural e sua ressignificação no contexto educacional brasileiro (BRASIL, 2004). É nessa perspectiva da conquista de uma educação do campo emancipatória que se inserem as experiências educativas baseadas na Pedagogia da Alternância, a exemplo das Escolas Família Agrícola (EFA).

No Brasil, as Escolas Família Agrícola (EFAs) surgem inspiradas nas experiências e nos princípios educacionais das denominadas "Maison Familial Rural", ou Casas Familiares Rurais, que tiveram origem na França ao longo da década de 1930, num contexto de grave crise agrícola na Europa, desencadeada pelo processo de mecanização da agricultura. Esta experiência se tornou, com o passar dos anos, uma alternativa para os filhos dos camponeses que antes não viam possibilidades de oferecer um ensino formal aos seus filhos. No Brasil, as EFAs começaram a ser implantadas em 1969, inicialmente no Estado do Espírito Santo e, na década de 1980, expandiu-se por todo o país. Atualmente, existem cerca de 110 Escolas Famílias Agrícolas no país, sendo a Bahia o estado mais representativo em número de EFAs, contabilizando 33 escolas, localizadas, em sua grande maioria, no semiárido (UNEFAB, 2005).

Todas as EFAs possuem uma Associação mantenedora e estão organizadas em nível regional, nacional e mundial, formando redes. Nacionalmente, as EFAs estão organizadas em torno da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), hoje com sede em Brasília – DF. Mundialmente, as EFAs estão organizadas em torno da Associação Internacional das Maison Familiaes Rurales - AIMFR (NASCIMENTO, 2005).

Em que pese as singularidades de cada EFA, algumas características são comuns entre elas, quais sejam: a) as famílias dos pequenos agricultores, particularmente seus filhos(as), são os sujeitos do processo educativo e participam da gestão através da associação mantenedora, estimulando o associativismo; b) o compromisso com uma formação escolar, como parte de uma formação integral, partindo da realidade e das necessidades dessas famílias; c) a busca da interação entre o processo formativo, a família e a comunidade; d) a valorização das atividades em grupo em que as crianças e os jovens assumem responsabilidades; e) a presença constante de uma equipe de formadores; f) a adoção da Pedagogia da Alternância como a base do projeto educativo (QUEIROZ, 2001).

Considerando que a questão agrária no contexto brasileiro permanece marcada pela lógica excludente e violenta, a proposta pedagógica das EFAs se impõe como uma alternativa, atuando na contracorrente da tradicional educação rural brasileira pautada na reprodução e na expansão do

capital, constituindo-se assim num “movimento social objetivo”, num caminho para a educação do campo, conforme afirma Queiroz (2001).

É nesse panorama em que o homem do campo busca estratégias para consolidação de uma experiência educativa emancipatória que os princípios pedagógicos da Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA Valente) emerge como objeto de nossa reflexão, tal como apresentamos a seguir.

A EFA AVANI DE LIMA CUNHA: UMA EXPERIÊNCIA DE APROPRIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PELO HOMEM DO CAMPO

A história da EFA tem seu ponto de partida no início dos anos de 1990, mais precisamente em 1992, quando as atividades de caprinocultura e piscicultura foram iniciadas na Fazenda Madeira (APAEB, 1992), que abriga a sede da escola até os dias atuais.

Em janeiro de 1994, o Boletim Informativo da APAEB *Batedeira Comunitária* registra o interesse e o empenho em torno da implantação da EFA através de seu Departamento Agropecuário Educativo. Em 1995, os encaminhamentos em torno do projeto se intensificam com a criação do Conselho Educacional formado por representantes da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), Secretaria de Educação do Estado (SEC), Igreja Católica, Igreja Batista, Movimento de Mulheres Rurais, Associação dos Professores Licenciados da Bahia (APLB), Departamento Educativo da APAEB, monitores e pais dos futuros alunos. O Projeto de implantação da EFA contou ainda com o apoio da ONG alemã MISEREOR (APAEB, 1995).

A Pedagogia da Alternância é então adotada como referência fundamental para o trabalho a ser desenvolvido, o que exigiu a qualificação de dois monitores durante cerca de 8 meses junto à equipe de Piúma (Espírito Santo), os quais atuaram como multiplicadores junto a educadores da região. Em 1996, a EFA Avani de Lima Cunha - escola de Ensino Fundamental - é inaugurada na Fazenda Madeira, oferecendo cerca de 40 vagas de 5^a a 8^a série para filhos de pequenos agricultores associados à APAEB, sendo a única até então a oferecer esse tipo de ensino na região.

A partir da Pedagogia da Alternância, a orientação do trabalho no EFA tem se organizado basicamente em 5 eixos que visam ao enraizamento da população jovem na região, trazendo para a dinâmica da escola a realidade cotidiana das famílias de pequenos agricultores, num movimento de formação crítica que incorpora os nexos entre o local-regional-global. Os eixos estão assim estruturados:

a) um primeiro eixo está no Planejamento Pedagógico Temático, que permite articular o programa oficial da Secretaria de Educação e Cultura com as questões relacionadas à realidade regional, seja nas atividades teóricas, seja nas atividades práticas;

b) a definição dos Temas de Estudo embasa um segundo eixo do trabalho pedagógico, que são os Planos de Estudo (PE). Esses planos orientam as atividades que o aluno deve desenvolver durante os intervalos em que permanece na comunidade e atuam como elemento que contribui para uma maior interação entre a comunidade e a escola. Os planos estimulam os alunos à observação e à intervenção sobre a realidade de suas comunidades a partir da reflexão realizada na EFA, sendo acompanhados do registro escrito individual, que servirá de fundamento para a discussão em classe e para a construção da Síntese Temática que fica a cargo do professor;

c) um terceiro eixo são as Viagens de Estudo, precedidas de pesquisa exploratória que viabiliza uma maior articulação entre teoria e prática;

d) um quarto eixo está nos Serões, aqui entendidos como tempo livre ao final do dia, quando alunos e monitores se encontram no salão para conversas informais, brincadeiras, assistir a filmes, etc.;

e) o quinto eixo se refere às Assembleias com os pais dos alunos, em que o desenvolvimento e os resultados do trabalho são discutidos e avaliados. A combinação entre os eixos norteadores do Planejamento Pedagógico garante que o trabalho da EFA esteja em sintonia com as ações educativas da APAEB, visando à melhoria das condições de vida para o homem do semiárido e a difusão do conhecimento entre diferentes gerações. (APAEB, 1996)

Os Planos de Estudo (PE) constituem-se no principal instrumento pedagógico da EFA e baseiam-se num método de pesquisa participativa, que possibilita analisar os vários aspectos da realidade

do aluno, promovendo uma relação direta entre a vida e a escola. Através do Plano de Estudo, as potencialidades da alternância se viabilizam, tornando-se atos concretos de ponto de reflexão. Os planos são orientados por temas geradores centrais, desenvolvidos ao longo do ano letivo e variam de acordo com a série, o contexto e a demanda dos alunos e de suas comunidades, sendo estes escolhidos e debatidos por toda a comunidade escolar, incluindo-se aí os pais dos educandos. Atualmente, os temas elencados pela EFA de Valente são: Família (desenvolvido na 5ª série); Convivência com o Semiárido (6ª série); Agricultura (7ª série) e Política (8ª série).

A escola funciona, simultaneamente, como espaço que possibilita o acesso sistematizado a um conjunto de conhecimentos científicos, como espaço de experiência prática, como espaço de desenvolvimento de atitudes e valores que vão fortalecer o capital social da região, tais como: respeito, responsabilidade, valorização do trabalho em comunidade. Por outro lado, a escola opera como centro de pesquisa voltado ao desenvolvimento e à difusão de técnicas simples e de baixo custo que viabilizem o desenvolvimento sustentável no semiárido sisaleiro da Bahia, ao tempo em que funciona como preparação para o trabalho. A integração escola-comunidade permite que os alunos atuem como agentes transformadores da propriedade familiar e da vizinhança.

A PROPOSTA METODOLÓGICA DO TRABALHO: A IMPLICAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

A Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA) é uma escola de Ensino Fundamental, que desenvolve sua proposta pedagógica com base na Pedagogia da Alternância, na qual o aluno alterna experiências educacionais na escola – onde permanece durante uma semana - e momentos educacionais em família, possibilitando a articulação entre os conhecimentos apreendidos na escola e a realidade de sua comunidade. À medida que a adoção desse tipo de proposta pedagógica na EFA acaba por estimular o estreitamento dos laços entre escola e comunidade, acreditamos que este seja um caminho viável para a formação contextualizada do sujeito do campo, constituindo-se em ponto de partida para nosso trabalho de construção das memórias do rural.

Assim, centramos nossa investigação nos processos de reconstrução da memória coletiva das comunidades sisaleiras, tomando como ponto de partida a comunidade escolar da EFA, em especial docentes e alunos, de modo a desenvolver uma proposta pedagógica coletiva capaz de criar espaços/tempos de debate e construção da história das comunidades e municípios da região do sisal. Para tanto, nos apropriamos da metodologia proposta por Park (2002), através do envolvimento dos alunos na coleta de diferentes fontes de memória, tais como: fotos, documentos, objetos e, principalmente, entrevistas com vizinhos e/ou familiares mais velhos.

O trabalho que vem sendo realizado na escola, além de promover um maior estreitamento das relações comunidade-escola, tem possibilitado uma melhor compreensão das representações de rural formuladas entre alunos e professores da EFA, constituindo-se em subsídio para o estudo da memória dos velhos da região sisaleira, nosso principal objeto de estudo.

Apresentamos a seguir alguns resultados preliminares advindos desse primeiro momento, que consistiu justamente nas reuniões do Grupo de Trabalho (GT) composto pela equipe de pesquisa, pelos diretores e professores da EFA, além de membros da diretoria da APAEB.

As primeiras reuniões do Grupo de Trabalho tiveram como principal objetivo a apresentação e a discussão da proposta inicial de pesquisa, focando, sobretudo, sua viabilidade e adequação à proposta pedagógica da EFA, bem como o processo de inserção ativa dos diferentes sujeitos envolvidos no desenvolvimento do trabalho. Esses encontros permitiram uma melhor interação entre os participantes do GT na medida em que a proposta de pesquisa pode ser debatida minuciosamente tanto em seus aspectos teóricos como em seus encaminhamentos metodológicos.

No que tange à operacionalização do trabalho, o GT definiu como fundamental que a pesquisa incorporasse os componentes temáticos que norteiam o trabalho pedagógico da EFA e que se organizam como temas geradores definidos para cada uma das séries, já descritos anteriormente. Considerando estes temas geradores, o GT optou por redefinir a proposta de trabalho com os alunos, de modo a abarcar a história de vida dos velhos nas comunidades. Esta redefinição resultou na adoção de uma abordagem histórica dos temas através de conversas (semi-dirigidas) que os

alunos estabeleceriam com os velhos, tendo como objetivo compreender, a partir dos relatos, as transformações sofridas pela comunidade ao longo dos anos, bem como perceber as diferenças e as semelhanças entre o “tempo dos velhos” e o “seu próprio tempo”.

A partir destes temas geradores, foram propostos subtemas a serem trabalhados na primeira unidade letiva, conforme descrevemos abaixo:

5ª série - história da família e da comunidade;

6ª série - história do acesso à água na região;

7ª série - história da propriedade rural;

8ª série - história da educação popular.

De maneira geral os alunos, além de se apropriarem dos relatos construídos pelos velhos, também direcionaram o olhar para sua família e comunidade. As vozes dos velhos, diluídas num conjunto de representações da comunidade, conduziram os próprios jovens à reflexão num movimento em que lembranças do passado se entrecruzam com as experiências de um tempo presente constantemente revisitado. Buscamos, assim, compreender como as famílias e as comunidades representam seu ambiente e as questões apontadas – a sua origem, a questão da água, a propriedade e a educação popular, focando nas vozes dos velhos, relatadas pelos alunos em seus PEs.

FAMÍLIA, PROPRIEDADE, SECA E SABERES POPULARES COMO EIXOS DE ENRAIZAMENTO NAS COMUNIDADES: UMA ANÁLISE DOS PLANOS DE ESTUDO

A família ocupa um lugar marcante identificada, pelos alunos, como “alicerce” e, para a grande maioria, é representada não apenas por pais e irmãos, mas incorpora também a figura de outras pessoas, como os avôs, os tios, os primos e os padrastos, que formam o núcleo familiar. Apesar dos núcleos familiares serem ampliados, o pai, pequeno agricultor, apresenta-se como o principal chefe da família, apesar de haver famílias em que a mãe colabora no orçamento da casa ou assume o papel de chefe na ausência do pai. Portanto, é possível inferir que a noção de “chefe da família” não está direta e exclusivamente vinculada ao papel de provedor. Na composição das famílias, os velhos constituem presença constante e, frequentemente, são identificados como “trabalhadores”, “gente de respeito”.

A partir dos relatos dos velhos, os alunos da 5ª série se encontram com os fatos marcantes na história de vida das famílias, sejam eles momentos felizes, como o nascimento dos filhos - principalmente o primogênito, casamentos; sejam os momentos de tristeza, como acidentes e perda de familiares, destacando-se aí a perda de filhos.

Nestes contextos é que se destaca o papel social dos velhos na reconstrução continuada da história da família e da comunidade, realimentando os laços e as redes de solidariedade, elementos importantes na constituição de um capital social na região (ABRAMOVAY, 2000). O encontro entre as diferentes gerações no esforço de reconstrução da memória e do passado de uma coletividade influencia, sobremaneira, no processo de enraizamento da comunidade, tal como nos ensina Caldart (2004) e Weil (2001).

A questão da seca, nos relatos dos alunos, aparece como ponto crucial na convivência com o semiárido e está presente nas sínteses de todos os planos de estudo. A água é representada como um bem vital e precioso: *“vale lembrar que a água no sertão vale ouro”*; *“é um elemento fundamental para a existência de qualquer ser na terra e para o desenvolvimento das propriedades e da humanidade”* (Planos de Estudos, 6ª série).

O cuidado no tratamento da água e, principalmente, a preocupação com sua escassez traduzem-se nos relatos dos alunos por meio do desenvolvimento de estratégias de obtenção, como a construção de “aguadas” (reservatórios de água como açudes), poços artesianos e, especialmente, cisternas, para captação da água da chuva. No que tange às cisternas, nota-se aí o papel da escola família agrícola, bem como das associações locais e da mídia, na sensibilização dos alunos e das comunidades para sua construção. Dada a importância da cisterna como alternativa para a convivência com a seca,

a síntese do PE da 6ª série, construída em conjunto por alunos e professores, retrata a questão da seguinte forma: *“resta a você que ainda não tem uma cisterna juntar-se com a associação de seu bairro ou comunidade e buscar uma cisterna para sua família”*.

Durante as discussões no grupo de trabalho, foi recorrente a referência à seca de 1932, que, segundo a memória dos velhos, foi a “pior” seca da região, em que muitas pessoas morreram. Entretanto, na compreensão de outros integrantes do grupo de trabalho que têm suas origens na região (professores da EFA e diretores da APAEB), a pior seca teria sido a de 1993. Quando foram registrados os menores índices pluviométricos e prejuízos maiores à plantação e à criação de animais, *“até licurizeiro (palmeira típica da região) que nunca se ouviu falar de morrer seco, morreu em 1993”*.

Sobre esse aspecto, podemos observar a referência a, pelo menos, duas representações sobre a “seca”. Para aqueles que apontam 1993 como a “pior” seca, os mais jovens, a ideia de “seca” aparece relacionada claramente ao índice de chuvas na região e aos prejuízos decorrentes com a perda ou o comprometimento das plantações e criações. Já para os que apontam 1932 como a “pior” seca, os velhos, a noção de “seca” aparece diretamente vinculada à dificuldade de acesso à água, elemento fundamental à vida tanto em seu consumo direto como ao processo de produção que se assenta sobre a terra. De um modo ou de outro, a questão do acesso à água mostra-se intrinsecamente articulado aos problemas socioambientais.

No que diz respeito à propriedade rural, os estudantes da 7ª série puderam, através das conversas com os velhos, atentarem para a grande transformação ocorrida no ambiente e, conseqüentemente, na flora e fauna locais, decorrente da mudança do modo de manejo dos recursos. Esse foi um dos itens em que observamos uma maior dificuldade em sistematizar os relatos trazidos pelos alunos. Frequentemente o tema das mudanças observadas na propriedade remetia à questão da organização do trabalho no núcleo familiar e na comunidade local.

É nessa perspectiva que o trabalho de toda a família na roça emerge como elemento recorrente nos registros dos planos e os velhos destacam as redes de solidariedade no trabalho com a terra por meio dos batalhões, ou “boi roubado” – mutirões, dos quais participava grande número de pessoas para trabalhar e, em troca, o dono da casa matava um boi e servia de almoço aos trabalhadores.

Com relação à educação popular, os relatos dos estudantes da 8ª série trazem o papel fundamental desempenhado pela Igreja Católica nos movimentos sociais da região. Os relatos destacam ainda o papel de várias pessoas e entidades locais e regionais, como associações, igrejas, sindicatos, cooperativas, ONGs, grupos de jovens, agentes comunitários e sua própria família, como elementos fundamentais neste processo.

A grande dificuldade de acesso à educação formal é salientada e os alunos se surpreendem quando os relatos dos velhos indicam a necessidade de andar “léguas” a pé para chegar à escola que, muitas vezes, acabava sendo fechada antes que pudessem completar os estudos.

O analfabetismo entre os velhos é outro aspecto que causou impacto entre os alunos. Esse impacto se amplia quando os poucos velhos que frequentaram a escola mencionam a imagem da palmatória. Apesar disso, os jovens consideram que esses velhos, mesmo analfabetos ou semianalfabetos, detêm saberes que podem ensinar outras pessoas, inclusive eles mesmos.

Estes, entre outros relatos apresentados nos planos de estudo dos estudantes, constituem um momento de registro da memória local, momento este que consideramos relevante para a formação destes sujeitos e, conforme sugere Caldart (2004), imprescindível na formulação de uma proposta político-pedagógica do campo.

A reflexão sobre as representações de mundo rural presentes no imaginário dos velhos sujeitos do campo, que emerge do contato com os jovens alunos da EFA, evidencia as redes significativas de confiança das quais participam os sujeitos da região sisaleira.

PALAVRAS FINAIS

É notório o esforço empreendido pela equipe de professores e estudantes da EFA Avani de Lima Cunha, com o objetivo de resgatar a história da região e da luta de seus associados por melhores condições de renda e de vida (SILVA *et al.*, 1993), trabalho que deve ser continuado. Entretanto a

memória rural das comunidades, aquela que se mistura com as dobras do tempo, permanece nas mentes das pessoas, pouco visível no interior e fora dessas localidades. Diante disso, na perspectiva de iniciarmos o registro dessa memória junto aos sujeitos mais velhos, foram elaborados os planos de estudo (PE) envolvendo um conjunto de questões vinculadas a cada um dos temas geradores.

Pelo caminho da memória dos velhos ocorre o encontro entre diferentes dimensões do ambiente, ambiente em constante mutação; o encontro com as formas de organizar o trabalho na terra, também reconfiguradas, e com uma religiosidade profundamente associada às condições socioambientais. Reconhecer os relatos dos velhos como fonte privilegiada na construção da história socioambiental e socioeducativa significa colocar no centro da cena homens e mulheres comuns, anônimos, quase sempre invisíveis, que tecem caprichosamente uma multiplicidade de relações que ultrapassa o binômio rural-urbano.

A partir da experiência aqui descrita e analisada, foi possível perceber a relevância, a abrangência e a contribuição da EFA-Valente, que, com sua experiência acumulada de mais de 10 anos, revela-se como um projeto educativo ímpar, no qual a Pedagogia da Alternância assume papel primordial na contextualização da educação local e uma proposta viável de educação do campo, uma educação humanista, que visa à formação integral do cidadão do campo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, v. 4, n. 2, p. 22-37, 2000.
- APAEB. *Boletim Informativo Batedeira Comunitária*. Valente: Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (vários números), 1992.
- APAEB. *Boletim Informativo Folha do Sisal*. Valente: Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (vários números), 1995.
- APAEB. *Boletim Informativo Folha do Sisal*. Valente: Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (vários números), 1996.
- BAPTISTA, F. M. C. *Educação rural: das experiências à política pública*. Brasília: NEAD/Editorial Abaré, 2003. (Série Debates e Ação, 2.).
- BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB N 1 – de 3 de abril de 2002. *Diário Oficial da União*, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.
- BRASIL. *Por Uma Política Pública de Educação do Campo*. In: II Conferência Nacional por Uma Educação do Campo. Luziânia-GO: MEC, 2004. (Declaração Final – Versão Plenária).
- CALDART, R.S. *Momento atual da Educação do Campo*. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Ministério do Desenvolvimento Agrário NEAD/MDA, 2004. Disponível em <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27&titulo=artigo+do=M%C3%AAs>>. Acesso em: 02 nov. 2006.
- JOLLIVET, M. Des campagnes paysannes au rural “vert”: naissance d'une ruralité postindustrielle. In: _____. *Vers un rural postindustriel: rural et environnement: dans huit pays européens*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- MANSINHO, M. I.; SCHMIDT, Luísa. Réinventer le rural par l'environnement. In: JOLLIVET, M. *Vers un rural postindustriel: rural et environnement: dans huit pays européens*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- MORMONT, M. Rural nature and urban natures. *Sociologia Ruralis*, v. XXVII, n. 1, p. 3-20, 1987.
- NASCIMENTO, C. G. Escola família agrícola: uma resposta alternativa à educação do meio rural. *Revista da UFG*, v. 7, n. 01, 2005.
- PARK, M. B. (Org.). *Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

QUEIROZ, J. B. P. Os centros familiares de educação em alternância no Brasil. *Cultura Vozes*, n. 6, p. 85-94, 2001.

SILVA, A. L. V. *et al.* APAEB: uma história de fibra, luta e resistência. Valente: APAEB, 1993.

UNEFAB. União Nacional de Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. 2005. Disponível em: <<http://www.unefab.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2005.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento. In: GIARRACCA, N. *¿Una nueva ruralidad en América Latina?* Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://piluso.clacso.edu.ar/~libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2006.

WEIL, S. *O enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001.

NOTAS

¹ Maiores informações sobre as estratégias e princípios educacionais da Fundação APAEB, sugerimos visita ao sítio <http://fundacaoapaeb.org.br/>.